

O CALEIDOSCÓPIO DE ORIDES FONTELA

Resenha do livro: *O enigma Orides*, de Gustavo de Castro.

Fátima Souza (UEA)¹

“o voo
pensa-se
o pensamento
voa.”

(FONTELA, p. 213)

236

O ano de 2015 findou-se brindando os amantes de Orides Fontela com dois presentes: a publicação de sua **biografia**, acompanhada da publicação de sua **poesia completa**, incluindo poemas inéditos (exatamente nove anos depois da última edição lançada a público pela Cosac Naify). Dois lançamentos de peso que a Editora Hedra colocou no mercado editorial: projetos de fôlego que trouxeram revelações para sacudir o panorama da literatura contemporânea brasileira. Escolhemos sua biografia para resenhar nesse texto.

Orides de Lourdes Teixeira Fontela deve ter brilhado ainda mais no céu onde está, afinal, como anunciou no poema Kant (relido): “duas coisas admiro: a dura lei/cobrando-me/e o estrelado céu dentro de mim” (FONTELA, 2015, p. 227).

Lurdinha, “como seus pais a chamavam”, nasceu num país em que o signo da pobreza e da condição feminina obrigou-a a exilar-se na condição selvagem e solitária em que viveu. Afinal, “uma mulher professora primária, pobre, sem marido, poeta, neste país, não é possível” (idem, p. 47). Até aqui, fizeram-nos acreditar num atestado mental de loucura para ela.

Ela dizia que, se tivesse continuado em São João da Boa Vista, talvez sua vida não tivesse se tornado caótica. Em São João ainda era Lurdinha, em São João não conhecia as crises de suicídio, o álcool, a velocidade e a angústia da grande cidade. Em São João conhecera as forças naturais, as leituras fervorosas e a mística. (CASTRO, 2015, p. 65)

Mas o tempo, com o qual ela brincou em seus poemas, trouxe a chave de ouro de sua existência: a biografia nos revela em 30 fotogramas sua vida e veia contemporâneas e apresenta sua poesia como renovadora do modernismo brasileiro, podendo ser considerada a melhor escritora contemporânea que o Brasil teve, como nos revela Luis Dolhnikoff, na apresentação de sua obra completa.

Se se soma, então a segura da linguagem à aspereza da personalidade, tanto a popularidade (minimamente) possível a um poeta quanto a sua presença crítica, humanamente também sensível ao trato (ou destrato) pessoal – e não apenas aos intangíveis estratos dos argumentos –, o relativo silêncio que hoje

cerca, não sem certa ironia, a obra de uma das mais fortes e importantes poetisas brasileiras contemporâneas, torna-se grandemente explicável – ainda que inversamente justificável. (FONTELA, p. 17)

Gustavo de Castro, poeta, escritor, jornalista e antropólogo, assina a biografia romanceada que criou para a escritora. O livro *O enigma Orides* foi viabilizado pelo programa Rumos Itaú Cultural 2013-2014 e resgatou poemas inéditos da autora além de incluir testamentos e depoimentos, revelando ao público o caminho que Lurdinha traçou da luminosa cidade de São João da Boa Vista até a cidade cinzenta de São Paulo, a fim de contar verdadeiramente a sua história.

237

Um romance-reportagem escrito ao estilo de um perfil biográfico, a meu ver, facilitava as coisas, pois se tratava de um gênero que se detinha na essência do relato: o ser humano em sua trajetória através da vida, com destaque para os eventos nos quais se envolvia e para a sua cosmovisão. Construí o perfil de Orides quase que montando quebra-cabeças de peças desconexas. O ficcional me ajudou justamente neste ponto: quando, no quebra-cabeças, me faltava uma peça, laboriosamente a imaginava em seus deslocamentos, e a completava no conjunto. (p. 13)

É dessa forma generosa, pretendendo um panorama detalhado da vida da escritora que revela ter sido a primeira mulher brasileira iniciada no zen budismo, que Gustavo de Castro permite ao leitor montar as peças do seu jogo: conhecendo ou desconhecendo a escritora, um caleidoscópio forma as imagens precisas e imprecisas de Orides Fontela, entre claro e escuro, silêncio e vastidão, selvageria e solidão, um desenho humano para um tempo em que a vida prática dilacera nossa subjetividade. Foi contra a captura de sua subjetividade que Orides reagiu ferozmente com sua voz e veia poética: o movimento total de um corpo fragilizado por atropelamentos e incêndios de várias naturezas. A fórmula foi revelada pela própria escritora: “seus vestígios e sua história”.

O biógrafo então confessa:

Meu objetivo era o de capturar o seu gesto poético, algo que, para mim, significava entender também sua revolta e rebeldia. Aos poucos, fui percebendo que havia nela, além de um gesto poético, um gesto ético, profundo: Orides se fazia intérprete (e crítica) dos destinos da mulher pobre e do poeta brasileiro de seu tempo. (CASTRO, p. 12)

São fotogramas. E o segredo mora em sua composição: em 30 partes o biógrafo ora aproxima sua câmera da superfície da pele da biografada, ora cria uma distância que segreda numa grande angular as inúmeras dificuldades em viver como poeta nesse país. A leitura do livro é como abrir a mala de uma ousada viagem a encontrar preciosidades, intimidades,

pormenores. O auge da biografia que também se apresenta poética, reside no fotograma 10, intitulado: “as montanhas arcaicas, ventre” que conta a lenda tupi para explicar a luminosidade das palavras surgidas para Orides ao pé da Serra da Mantiqueira, monta sua genealogia hispanoportuguesa, a imprecisão da sua data de nascimento, a sensibilidade de uma origem proletária, a contradição do nome escolhido por seu pai como “corruptela de Eurídice, desejoso de que ela fosse “forte e vitoriosa” (p. 72), a sua desmedida comunicação e as crenças amorosas que envolveram seu nascimento:

Álvaro Fontela tinha em casa um braseiro. Costumava queimar ervas do campo; soprava a brasa e ali colocava alecrim, losna, guiné e arruda, além de sementes de sucupira e folhas de amora. Na noite em que Orides nasceu não foi diferente. Acendeu o braseiro, envolveu-a em uma manta branca e a levou para fora, para perto da lua cheia. A imensidão da noite e o diáfano perfume das ervas crepitando no braseiro eram sua única certeza. (CASTRO, p. 73)

A exposição do livro é peculiar, inédita, inovadora, mas, além de tudo, anuncia aos leitores outras revelações possíveis, é um impulso para que montemos, leitores, o nosso retrato de Orides. A riqueza da biografia está para além do que se apresenta: só o leitor arguto poderá criar a imagem de Orides ao continuar o jogo de investigação a que Gustavo nos instiga, porque ainda há muito a descobrir. Deverá haver mais detalhes que outras escavações poderão revelar. A biografia, então, não se esgota, antes anuncia outras possibilidades.

São muitas as indagações para outros leitores escafandristas resolverem ou revolverem completamente o enigma. A nós, por exemplo, que convivemos há 16 anos com a obra de Orides, nos coube os seguintes questionamentos: quantos artigos afinal ela escreveu para um jornal de São Paulo em que deixou resenhado o livro *Memorial do convento*? Além de seus amigos, quem foram os professores, como o filósofo Vilém Flusser a quem atribui a maturidade de sua obra, que marcaram seu pensamento?

Cabe ao leitor vestir sua curiosidade e continuar montando esse quebra-cabeça que certamente nos revelará Orides. Os estudos acadêmicos feitos a respeito de sua obra podem confirmar essa originalidade, essa força. A quantidade é tremenda, cada um a apontar novas nuances, ou sistematizar informações acerca de sua poesia. Mais um ponto para Gustavo de Castro: ganhando na categoria Literatura, o prêmio Rumos Itaú Cultural prova a força da imaginação poética que herdou da escritora num sonho pesadelo:

“Seu vagabundo, encontre logo os meus poemas perdidos!” No sonho, ela avançava para cima de mim, com o dedo em riste, gritando e exigindo que eu me mexesse na cama: “Vamos, levanta daí, ora bolas!”. (CASTRO, p. 11)

Ele seguiu a ordem da escritora. E nos revelou também a sua tuberculose, a sua insuficiência respiratória, o seu adeus:

Em meados de setembro, Orides foi transferida para a Fundação Hospitalar São Paulo, em Campos de Jordão. No trajeto para Campos, lembrou de Cruz e Souza. Ele fora um dos poetas mais pobres da história do país. Só ela havia sido mais pobre do que ele. Lembrou que Cruz e Souza enlouquecera depois que os quatro filhos morreram de tuberculose. O corpo de Cruz e Souza foi transportado de Minas para o Rio de Janeiro em um vagão destinado aos cavalos. Viajou sobre a alfafa e o esterco. Sabia francês, grego e latim, e morreu na mais crua miséria em 1898. Exatos cem anos depois, lá estava ela fazendo sua viagem final, numa velha Kombi da Secretaria da Saúde. Era a noite de 23 para 24 de setembro de 1998. (CASTRO, pp. 186-187)

O livro com um pouco mais de 209 páginas, a ser devorado por aquele que o abre, está organizado em 30 partes que se somam a uma introdução, testamentos, depoimentos e poemas originais. A mais pura verdade deve ser dita a Gustavo de Castro: a biografia com que nos presenteou anuncia uma escritora mais viva que nunca.

Referências

CASTRO, Gustavo de. *O enigma Orides*. São Paulo: Hedra, 2015.

FONTELA, Orides. *Poesia completa*. Luis Dolhnikoff (org.). São Paulo: Hedra, 2015.

LIMA, Maria José Batista de. *Orides Fontela: aspectos da fortuna crítica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2010.

STAUT, Alexandre. “As várias faces de Orides Fontela”. (entrevista) Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/as-varias-faces-de-orides-fontela/>. Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

¹ Fátima Maria da Rocha Souza tem mestrado em Letras - Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde defendeu sua dissertação sobre a poesia de Orides Fontela que sairá em breve pela Editora Mercado de Letras. Atualmente é professora assistente de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Contato: fatimarsouza@yahoo.com.br